

ANALOGIAS DA ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE COM O MITO DE ULISSES E AS SEREIAS

ANALOGIES OF PHYSICAL ACTIVITY AND HEALTH WITH THE ULISSSES AND THE MERMAID MYTH

Wilson Rinaldi*
Larissa Michelle Lara**
Ieda Parra Barbosa Rinaldi**

RESUMO

Este texto objetiva refletir o entendimento de atividade física e saúde a partir do discurso do sujeito coletivo, identificando e analisando as categorias originárias à luz do mito de Ulisses e as sereias, presente na obra clássica *Odisséia*, de Homero. A compreensão da atividade física e saúde, bem como do mito de Ulisses e as sereias dá-se, respectivamente, a partir de uma pesquisa de campo com foco na metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), de Lefevre, Lefevre (2005), e de incursões teóricas por referenciais das ciências humanas, em especial, Adorno, Horkheimer (1985), que fazem análise do referido mito. Os dados, coletados a partir de entrevistas realizadas com praticantes de caminhada em um parque da cidade de Maringá, atentam para a predominância de um discurso da atividade física e saúde revestido de uma racionalidade instrumental que impede o homem de conhecer o chamado para outras dimensões do humano.

Palavras-chave: Saúde. Atividade Física. Educação Física.

INTRODUÇÃO

O tema da atividade física e saúde tem sido corrente entre pesquisadores e profissionais de áreas diversas, perpassando, inclusive, o cotidiano das pessoas, recheando-o com conteúdos massivos que interferem na construção e consolidação de suas idéias e pensamentos. O assunto não se dissemina de forma estanque, mas assume seu caráter histórico, de mutabilidade, haja vista que o próprio conceito de atividade física e saúde, bem como sua finalidade, vão sendo modificados conforme a descoberta de novos dados científicos, o avanço da tecnologia e os novos interesses de mercado. Nesse ínterim, pessoas vão sendo manipuladas e se deixando manipular com vistas à aquisição de “saúde”, ainda vinculada à ausência de doença e visualizada

como prêmio de um corpo esteticamente moldado pela atividade física.

A construção do conceito de atividade física e saúde não se dá ingenuamente. Os meios midiáticos, intimamente ligados à indústria da produção de bens a serem consumidos pela população (seduzida para esse fim), garantem formas de opinião e crença que incitam à compra das mercadorias. Mesmo àqueles sem condições de adquirir os custosos produtos oferecidos são disponibilizadas mercadorias inferiores e a falsa idéia de que todos podem ter acesso a essa plena realização do consumo. Essas relações entre consumidores e produtos ofertados vão se renovando sempre, sobretudo quando o fim maior a ser alcançado (lucro) não mais satisfaz aos detentores do capital.

Tais reflexões, infinitas em suas possibilidades, vão se dando de formas diferenciadas em meio acadêmico, levando em

* Professor Mestre do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. Grupo de Pesquisa em Atividade Física e Saúde do DEF/UEM/CNPq.

** Professora Doutora do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. Líder do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade – UEM/DEF/CNPq..

consideração a posição que se assume para falar delas. Aqui, em especial, partimos de estudos realizados por profissionais que se voltam para uma discussão da saúde por meio das ciências humanas. As investigações realizadas com esse enfoque por Melo-Filho (1995), por exemplo, refere-se a duas sinédoques históricas – Ulisses, de Homero, e Fausto, de Goethe – retomando a etimologia do conceito de saúde a partir de reflexões sobre “necessidades existenciais” e “necessidades propriamente humanas”. Interlocutores como Minayo (1995), Duarte (1995), Machado (1995) e Schramm (1995), que abordam a problemática da saúde e debatem a exposição de Melo-Filho (1995), trazem leituras substanciais para pensar a temática, sendo inspiradoras da discussão que ora segue.

Orientado por caminho semelhante, o estudo em questão parte do mito de Ulisses e as sereias que ocorre no duodécimo canto da *Odisséia*, de Homero, no sentido de conduzir as reflexões sobre atividade física e saúde. A interpretação desse mito segue, também, os encadeamentos dados por Adorno e Horkheimer (1985) quando tratam do mito de Ulisses e as sereias em seu teor contemporâneo, vindo na narrativa de Ulisses a explicitação do advento do indivíduo burguês e do projeto iluminista que tinha por premissa a eliminação do próprio mito.

A narrativa do mito de Ulisses e as sereias oferece possibilidades de pensar os desafios da própria razão no contexto do mito, principiando a astúcia e o artifício como formas de sobrevivência, e também a própria instrumentalização/alienação do humano como ensejo para o alcance de fins. As imagens passam a ser delineadas quando a feiticeira Circe, filha de Hélios – o sol – inicia sua conversa com Ulisses, alertando-o: “Agora, escuta o que tenho a dizer e não te esqueças disso, peço-te. Em primeiro lugar, encontrarás as sereias, que enfeitiçam todo aquele que delas se aproxima”. E continua a acautelar o herói: “Se qualquer homem, inocentemente, aproxima-se e ouve sua voz, jamais volta à pátria, jamais verá sua esposa e seus filhos correndo para saudá-lo alegremente: as sereias o encantam com sua voz melodiosa” (HOMERO, s.d. p. 182).

Assim se iniciam as nossas incursões pelo mito e, igualmente, pela atividade física e saúde, refletindo em que se traduz o canto das sereias

na sociedade contemporânea. Seria o canto o chamado para a atividade física e saúde ou as seduções que inviabilizam a entrega ao prazer? Poderia o canto se colocar como o perigo que leva à destruição da dimensão propriamente humana? Tais indagações vão encontrando elementos elucidativos, sobretudo quando o canto das sereias não é identificado como categoria reveladora única. A passagem do mito, em que Circe indica formas de lograr as sereias, auxilia a pensar as demais categorias.

Não te detenhas naquele lugar e não deixes os homens ouvir; é melhor amassar um bom pedaço de cera e tampar com ela seus ouvidos. Se quiseres ouvir, manda os homens amarrar teus braços e tuas pernas e prender bem teu corpo ao mastro, e então poderás deleitar-te com o canto quanto quiseres. Dize aos homens que, se gritares e ordenares que te soltem, devem te amarrar ainda mais, com outras cordas (HOMERO, s.d. p. 182).

O momento em que Ulisses segue as orientações de Circe leva-nos a pensar em que se converte, nessa sociedade, alguns aspectos que, além do canto das sereias, colocam-se como fundamentais para a trama, como o logro, a astúcia, a capacidade de romper com o destino, assim como a de cumprir ordens, sem questioná-las. Especificamente, no que se refere às relações que ora fazemos com o campo da saúde, poderíamos perguntar: O que está por trás do chamado para a atividade física e saúde? Quem são os beneficiários desse chamado? Seriam as pessoas, as empresas, os meios de comunicação? Que conhecimento as pessoas têm acerca desse campo?

A pesquisa a que nos propusemos procurou refletir o entendimento de atividade física e saúde a partir do discurso do sujeito coletivo, identificando e analisando as categorias investigativas originárias à luz do mito de Ulisses e as sereias. É originária de inquietações acadêmicas sobre o entendimento que as pessoas têm de saúde e atividade física, bem como das várias interpretações que o mito de Ulisses e o canto da sereia suscitam. Assim, visualizamos que embora este mito já tenha sido foco de muitas análises e em diferentes áreas do

conhecimento, as relações emergentes desta epopéia nos parecem infundáveis e incompletas, vistas sob ângulos diversos e abertas a novas interlocuções.

Os apontamentos que se seguem dar-se-ão, inicialmente, a partir de reflexões sobre o mito, especialmente por autores que fazem leitura desta narrativa. Na seqüência, o tema da saúde e atividade física vem à tona, acrescido das concepções advindas do discurso de praticantes de atividade física, tomando por base a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), de Lefevre, Lefevre (2005), que valoriza o sentido/significado desse sujeito como agente social. Tornou-se necessário perceber como os sujeitos coletivos entendem a saúde e a atividade física e, até que ponto a barreira cerácea se coloca como interface da própria atividade que realizam. Fez-se indispensável, ainda, perceber que “condições” assumem esses sujeitos coletivos se comparados às demais categorias extraídas do mito, como as seduções do canto, os remadores, a viagem marítima e o herói. Tais esclarecimentos revelam apenas parte da rota que traçamos, a qual será detalhada, paulatinamente, à medida que a narrativa for revelando as suas seduções.

ULISSES E AS SEREIAS

A Odisséia, do poeta grego Homero, é escrita quando a preocupação investigativa recaía sobre o cosmos, ou seja, quando “o cosmo venerável do mundo homérico pleno de sentido revela-se como obra da razão ordenadora, que destrói o mito graças precisamente à ordem racional na qual ela o reflete” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 53). Naquele momento, delegava-se aos heróis – os semideuses – o desfrute do prazer e das honrarias, acreditando, assim, poder estar contemplado em seus deleites. Há um consenso, mesmo que alienado, de que ao herói cabe viver o que aos demais não se destina. Transferem a Ulisses o direito de se constituir como tutor intelectual, com atribuições de decidir sobre o melhor encaminhamento de suas vidas.

A obra aponta para um herói guerreiro transformado pela história em herói aventureiro, desbravador de mares, sendo belo, forte, e tendo como característica essencial a astúcia, a

capacidade de lograr para viver o que, “naturalmente”, seria impossível. Ulisses acaba por se tornar símbolo de superação das adversidades humanas porque enfrenta situações complexas em seus feitos terrestres e marítimos, com coragem e bom senso. A presença de Ulisses extrapola a dimensão temporal da Grécia antiga rumo à contemporaneidade, fornecendo elementos para o seu entendimento.

O mito de Ulisses leva a compreender a razão na sociedade moderna, em especial, tomando o esclarecimento como mote. Religião, tradições e mitos passaram a não dar conta de explicar todas as coisas, impossibilitando interpretações satisfatórias. O homem, na ânsia de guiar-se pelo esclarecimento, busca eliminar os mitos como forma de compreensão do mundo, mas acaba sendo vítima da sua própria crítica quando a razão se torna mais um mito. Nas palavras de Fensterseifer (2005, p. 166): “A razão que no projeto iluminista era tida como instrumento do ‘eu’, acaba por instrumentalizar o ‘eu’”. O autor vê no esclarecimento uma espécie de divisor de águas do pensamento contemporâneo já que foca o dilema entre preservar ou abandonar o conjunto do projeto iluminista.

Retratado como protótipo do indivíduo burguês por Adorno e Horkheimer (1985), Ulisses está a meio caminho entre o mito e o *logos*. Essa reflexão aparece em vários trechos da obra, estando, num deles, explicitado da seguinte forma: “O navegador Ulisses logra as divindades da natureza, como depois o viajante civilizado logrará os selvagens oferecendo-lhes contas de vidro coloridas em troca de marfim” (p. 57). No mito de Ulisses e as sereias, a ação de tapar com cera os ouvidos dos remadores e amarrar-se ao mastro é, no entendimento dos filósofos, um exemplo perfeito da utilização da razão instrumental. Assim, a astúcia é o recurso utilizado para Ulisses sagrar-se vencedor em suas aventuras. Perde-se para se conservar. O logro se coloca como modelo de suas astúcias, pois “o eu representa a universalidade racional contra a inevitabilidade do destino” (p. 60).

Em Ulisses e o canto das sereias, percebemos singularidades que se encontram também presentes em outros mitos da Odisséia. O confronto com a natureza acaba não sendo viável, posto ser impossível vencê-la. Contudo,

lográ-la é permitido, astucioso, desafiante e racional. É justamente esse o caminho que Ulisses escolhe. Tapando seus ouvidos com cera, os remadores não se voltam aos clamores de Ulisses, não sucumbem ao encantamento das sereias e, nem tampouco, se deleitam com sua fruição. Assim, na rota determinada, o navio segue seu curso e o destino cede às seduções da razão a partir das fendas que se abrem ao humano – o contrato deixa lacunas pelas quais é possível passar. “O contrato antiquíssimo não prevê se o navegante que passa ao largo deve escutar a canção amarrado ou desamarrado. [...] Ulisses reconhece a superioridade arcaica da canção deixando-se, tecnicamente esclarecido, amarrar” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 60).

As cenas do mito de Ulisses e as sereias vão sendo refeitas a cada momento que a narrativa é retomada e pressupõe interpretações que sejam respeitadas em sua subjetividade, dadas as várias nuances próprias de sua configuração. E, se isso ocorre na interpretação do próprio mito, quem dera nas analogias realizadas entre o mito e as diferentes problemáticas presentes em diversos campos do conhecimento. Aqui, em especial, as relações propostas entre o mito de Ulisses e as sereias e o campo da educação física revelam parte possível de um olhar. Não se configura, e nem tem a pretensão de fazê-lo, como a forma verdadeira de leitura de uma realidade, mas como uma leitura possível, entre tantas existentes. Nem, tampouco, pretende ser linear, apresentando um caminho uniforme, de uma objetividade forçosa em meio a uma subjetividade que enriquece o diálogo e as várias reconstruções.

As imagens que o mito nos fornece levam-nos à possibilidade de entender as problemáticas que se dão em relação à atividade física e saúde. A transposição dessas imagens do cenário grego para a sociedade contemporânea, por meio de analogias, faz com que outras percepções sejam geradas. É nesse sentido que novas indagações somam-se às anteriores. Assim, não poderíamos pensar a barreira cerácea como a consciência ingênua, alienante, que leva as pessoas à prática da atividade física no sentido estritamente biológico? Não seriam os remadores as pessoas que praticam a atividade física unicamente para o alcance de um fim (médico, estético,

preventivo, ou outro)? Não estaria o canto das sereias ligado àquilo que é podado ao homem em função da vida racional moderna? Por fim, não seria Ulisses a indústria cultural em seus logros para seduzir as pessoas à prática da atividade física e ao consumo de seus produtos, ou ainda, a própria resistência ao canto das sereias?

Essas questões norteiam algumas das reflexões que trazemos nesse estudo no sentido de entendermos como se configuram a atividade física e a saúde na ótica de praticantes de atividade física. Perpassam a necessidade de verificarmos a existência ou não de uma consciência ingênua entre os que fazem atividade física e se essa consciência (ou falta dela) é gerada pela carência de informação ou pelo logro daqueles que se utilizam dos meios de comunicação ou de outras formas de poder. Ainda, levam-nos a entender os motivos que conduzem pessoas à realização da atividade física, marcados ou não por um caráter instrumental, bem como o alcance pleno ou não daquilo que almejavam e para o qual foram chamados, seduzidos. As reflexões sobre o campo da atividade física e saúde a partir de algumas incursões teóricas auxiliam a refletir, mais diretamente, sobre essa problemática.

O CHAMADO PARA A ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE

A discussão corrente sobre promoção da saúde tem sido realizada em vários campos do conhecimento, estando relacionada, por vezes, ao acesso e veiculação de informações, aos meios de prevenção de doenças e às conquistas tecnológicas que interferem no processo de busca de uma vida saudável. Esses fatores parecem ter contribuído não só para o aumento da perspectiva de vida das pessoas, como para propagar uma visão de saúde, por vezes, restrita à área biomédica.

O trato da saúde na Educação Física tem se dado, ultimamente, a partir de referenciais que apresentam entendimento ampliado da temática, buscando suas bases nas ciências humanas. Carvalho (2001) e Matiello Júnior (2002) são autores que propõem essa reflexão. Carvalho (2001) volta-se para o questionamento do dogma em que se converteu a idéia de atividade física

como sinônimo de saúde, atentando para as seduções mercadológicas que conduzem à construção desse conceito. Por sua vez, Matiello Júnior (2002) faz críticas a um discurso de forte apelo pragmático que associa prazer a modelos estéticos sedutores, discurso este que ganha força a partir de 1953, quando publicado, na Inglaterra, o primeiro trabalho que legitima a adoção do exercício para trazer anos adicionais às pessoas e protegê-las de problemas coronarianos.

No Brasil, o apelo à atividade física como promotora da saúde ganha impulso com a publicação dos escritos do médico norte-americano Kenneth H. Cooper. Em uma de suas primeiras obras, publicada pela biblioteca do exército, ele afirma textualmente: “Na minha especialização, as aparências enganam, alguns homens excepcionalmente e fisicamente fortes, testados em nosso laboratório, eram de meia idade, franzinos inclusive, de vez em quando apareciam alguns barrigudos. Os mais inaptos que tivemos eram os rapazes fortes, com má condição cardíaca” (COOPER, 1978, p. 6). Demarca-se, assim, a busca frenética da aptidão física que possa garantir saúde e que seja acessível a todos.

As atividades físicas destinadas a promover a aptidão física ganham impulso mundialmente, sendo favorecidas pelo desenvolvimento das ciências biológicas que passam a gerar condições para o entendimento dos processos orgânicos, em particular, os adaptativos, provocados pela prática de exercício físico, oferecendo-se uma sustentação técnico-científica sólida para a prática regular da atividade física (BOUCHARD; DESPRÉS, 1989; GUEDES; GUEDES, 2001). O discurso hegemônico da saúde na Educação Física parece estar relacionado, ainda, a um conceito de ordem moral. Como bem ilustra Melo-Filho (1995), saúde provém do latim *salute*, que significa “conservação da vida”, “salvação”. A atividade física, assumindo o discurso biomédico, parece se associar à conotação moral quando a idéia do sacrifício, do suor, do esforço e, até mesmo, da dor, ganha um significado especial, e, por vezes, passa a se constituir (no senso-comum) em indicador importante para a saúde e sua conservação (e não para sua transformação).

Embora a atividade física ofereça elementos capazes de resguardar a existência, até que ponto isso pode ocorrer sem, necessariamente, perder sua essência? A atividade física, ao se pautar apenas no discurso hegemônico, passa a desconectar a prática propriamente dita do sujeito que dela faz uso. Assim, saúde vista como questão humana e existencial, por Minayo (1999), é um problema compartilhado indistintamente por diferentes segmentos sociais, havendo, porém, diferenças no modo de agir e sentir sobre ela, como condição de vida e trabalho, situação que se diferencia dependendo de que classe social esteja se falando. Dessa forma, a atividade física deve ser vista como componente de uma história, e o apelo do exercício apoiado apenas nas ciências biológicas não dá conta de entendê-la dentro dessa mesma história, pois parece existir uma lógica dialética que leva o sujeito a determinados comportamentos (sedentarismo, por exemplo).

Torna-se um desafio resolver o impasse diante da atual situação em que se encontra a saúde no país. A teia de determinantes que envolve a temática sugere esforços na direção de fornecer elementos que possam nortear o entendimento da saúde em suas múltiplas dimensões, por mais que isto possa parecer uma tarefa por demais audaciosa. Ou seja, como garantir a própria vida face a racionalidade ocidental e buscar, ao mesmo tempo, o canto das sereias para bem viver? Os discursos de praticantes de atividade física talvez possam nos auxiliar nestas questões.

O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

O conceito de atividade física e saúde foi obtido por meio de entrevistas realizadas junto a praticantes de caminhada em um parque de Maringá – Parque do Ingá – local de extensa área verde e de fácil acesso para a prática de atividade física, situado na parte central da cidade. Trata-se do primeiro parque incluído no planejamento de urbanização da cidade no sentido de possibilitar e estimular a prática de atividade física. Os sujeitos escolhidos foram convidados para participar da pesquisa no momento em que iniciavam ou finalizavam sua atividade física, sendo conscientizados sobre

seus objetivos e tendo a liberdade para aceitar ou não.

O desenvolvimento desse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Maringá (Parecer n. 068/2006) e deu-se em duas etapas, ambas com entrevista e termo de consentimento esclarecido assinado. Na primeira, caracterizada como um estudo piloto, quinze praticantes de atividade física (nove do sexo feminino e seis do sexo masculino) foram entrevistados, momento em que procuramos identificar se os dados ofereciam elementos substanciais para o desenvolvimento da pesquisa. Feitos os ajustes necessários, deu-se a aplicação efetiva da coleta (segunda etapa). Foram selecionadas aleatoriamente, 40 pessoas, sendo 21 do sexo feminino e 19 do sexo masculino.

O roteiro de entrevista foi pautado nas seguintes questões: a) O que é saúde para você?; b) O que é atividade física para você?; c) Você concorda com a afirmativa: a atividade física promove a saúde? Por quê? As entrevistas primaram pelo entendimento dessas questões, acrescidas de outras informações para subsidiar as investigações, como a idéia veiculante sobre atividade física e promoção da saúde, a noção de indivíduo saudável, o acesso a informações sobre saúde e atividade física, idade, sexo, profissão e tempo dedicado ao trabalho. Sendo gravadas e transcritas, as entrevistas possibilitaram identificar o entendimento de atividade física e saúde dos participantes da pesquisa para, após, discuti-lo a partir do mito de Ulisses e as sereias. Isto porque, o discurso do sujeito coletivo parte do suposto que o pensamento coletivo pode ser visto como um conjunto de discursos sobre um determinado tema, visando dar visibilidade ao agrupado de individualidades semânticas componentes do imaginário social (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005).

Os dados foram tratados sob a ótica da metodologia do DSC que se propõe a organizar os dados de natureza verbal obtidos de depoimentos, artigos de jornal, matérias de revista, cartas, e outros, analisando-os em suas idéias centrais e expressões chaves. “O sujeito coletivo se expressa, então, através de um discurso emitido no que se poderia chamar de

primeira pessoa (coletiva) do singular” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 16).

As entrevistas foram semi-estruturadas, escolhendo-se perguntas-chave de acordo com o que se propunha investigar, considerando-se a técnica de organização e tabulação de dados discursivos em pesquisa qualitativa do DSC. Sua construção implica nos seguintes conceitos-base: a) Expressões-chave: é o resgate da literalidade do depoimento a partir das transcrições literais de partes ou segmentos, contínuos ou descontínuos do discurso, que revelam a essência do discurso ou a teoria subjacente. b) Idéias centrais: consiste nas afirmações que permitem traduzir o sentido e o tema das expressões-chave de cada um dos discursos analisados. c) Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): é a construção de um ou vários discursos comuns, abstratos, composto de vários discursos individuais desparticularizados, ou seja, é a reunião de todas as possibilidades imaginárias oferecidas por uma dada cultura, num dado momento, para pensar num determinado tema.

Para efeito de organização, nesse artigo, sistematizamos os dados em forma de tabela, com as idéias centrais e o discurso do sujeito coletivo, contemplando algumas expressões chave.

Dentre os indivíduos estudados, 54% (21) eram do sexo feminino e 46% (19) do sexo masculino. A idade variou de 36 a 53 anos. Em relação à escolaridade, 8% concluíram o ensino fundamental, 72% o ensino médio e 20% estão cursando ou terminaram o ensino superior. Quanto à profissão, 03 eram professores de ensino superior, 03 funcionários públicos, 06 empresários, 03 advogados, 02 médicos, 04 dentistas, 07 vendedores, 05 comerciantes e 06 aposentados. Os participantes da pesquisa pertencem, de acordo com seu nível de renda, a classes A (52%) e classe B (48%), conforme os critérios estabelecidos pela Associação Nacional de Empresa de Pesquisa (ANEP, 2006) que categoriza as pessoas por classes, considerando a renda familiar média mensal. As idéias centrais e os discursos coletivos foram organizados nas tabelas de 01 a 03 que se seguem:

Tabela 1 – Idéia central e discurso coletivo de quarenta sujeitos em resposta à pergunta: “O que você considera saúde?”

Idéia central (1)	Discurso do sujeito coletivo (1)
Saúde como bem estar.	Saúde é assim, gostar do seu corpo e ter um bom espírito. Saúde é tudo, intelectual, emocional e espiritual. Saúde é gostar de você mesmo. Saúde é bem estar. Saúde é você ter paz e tranquilidade.
Idéia central (2)	Discurso do sujeito coletivo (2)
Saúde como ausência de doença.	Saúde é não ter nenhum tipo de doença. Saúde é dormir bem, se alimentar bem. Saúde é estar bem disposta, sem mal estar. Saúde é se cuidar. É estar sempre na ativa para ter saúde. Saúde é praticar algum tipo esporte. Saúde é cuidar de você agora para evitar problemas futuros (doenças cardiovasculares, infarto). Saúde é se alimentar bem. É não ter dor alguma.

O conceito de saúde encontrado nos discursos está fortemente arraigado a uma concepção voltada ao campo das ciências biomédicas. Embora a saúde seja identificada pela idéia central 01, como se sentir bem, como conjunto intelectual e emocional, como paz e tranquilidade, não envolvendo apenas a ausência de doença, ela parece ser entendida de forma utilitarista no sentido de oferecer condições aos sujeitos de cumprirem com suas rotinas diárias. Esse entendimento se torna evidente ao se identificar, na segunda idéia central, a saúde como ausência de doença, uma vez que a saúde está direcionada, de acordo com os sujeitos participantes da pesquisa, à preservação da vida e ao melhor funcionamento orgânico. Essa concepção é notadamente demarcada por um discurso que tem sido historicamente construído e apropriado pela população, não dando conta de pensar o indivíduo como agente social. Romper com a idéia da doença como fatalidade significa, no dizer de Lefevre e Lefevre (2004), romper com o modo predatório em lidar com a natureza, repensar as cidades, espaços urbanos, o modo de produção urbano e rural, bem como rever o modo de relacionamento do homem consigo mesmo e com o seu semelhante.

Tabela 2 - Idéia central e discurso coletivo de quarenta sujeitos em resposta à pergunta: “Você concorda com a afirmativa: a atividade física promove a saúde? Por quê?”

Idéia central (1)	Discurso do sujeito coletivo (1)
Melhora o funcionamento orgânico.	Combate algum tipo de doença. Ajuda a ter uma forma física boa. A atividade física faz com que o organismo trabalhe mais, mexendo com tudo. Acho que eu consigo evitar muita coisa com minha atividade física. Para manter a saúde e um corpo melhor, deixar o corpo legal. Fazendo a atividade física, o corpo melhora em geral. A atividade física me deixa mais jovem.
Idéia central (2)	Discurso do sujeito coletivo (2)
Gera sensação de bem estar.	A atividade física mudou a minha vida, meu trabalho. Você relaxa, desestressa, e o corpo vai nessa também. Quando eu caminho, eu consigo pensar na vida, digerir melhor os problemas; é um relaxamento mental. Atividade física é também exercitar a cabeça, não é só se preocupar com a estética e com a alimentação. Ao caminhar coloco a cabeça em ordem e organizo minha rotina.

É consensual entre os participantes da pesquisa a idéia de que a atividade física promove saúde. Duas idéias centrais puderam ser observadas: melhora do funcionamento orgânico e sensação de bem estar. O conceito de atividade física não se encontra desligado do conceito de saúde, sendo, por vezes, tratados como sinônimos. Confunde-se saúde com a própria atividade física. Esta última é percebida como trabalho, qualquer atividade, embora, na maior parte, seja entendida como aquela em que se faz num tempo predeterminado (meia hora, aproximadamente), como caminhada, corrida, alongamento, atividades de academia, entre outras.

A realização de atividade física sistematizada foi elencada por todos os sujeitos participantes da pesquisa como responsável por proporcionar melhor funcionamento orgânico, provocando, por sua vez, sensação de bem estar. A partir disso, estabelece-se uma relação linear entre a atividade física e saúde, uma vez que isso parece contribuir de maneira expressiva para dar conta das necessidades existenciais (nem por isso naturais, como alimentação, desejo sexual, contato social), em detrimento das necessidades propriamente humanas (descanso, trabalho,

atividades culturais, moral, lazer) (HELLER, 1986).

A atividade física, quando vista em seu caráter puramente existencial, parece perder-se do indivíduo que a pratica, tornando-se descartável à medida que é facilmente substituível por atividades consideradas mais importantes – as necessidades alienadas tomam a frente das necessidades propriamente humanas. “No instante em que o homem elide a consciência de si mesmo como natureza, todos os fins para os quais ele se mantém vivo – o progresso social, o aumento de suas forças

materiais e espirituais, até mesmo a própria consciência – tornam-se nulos” (MINAYO, 1995, p. 60-61).

O fato dos participantes da pesquisa fazerem caminhadas de forma sazonal, justificando isso pela ocupação com outras funções, exemplifica a prioridade secundária que a atividade física passa a ter em função das exigências que o sistema de produção capitalista preconiza. Isso influencia, inclusive, a concepção que têm sobre ser ou não saudável.

Tabela 3 - Idéia central e discurso coletivo de quarenta sujeitos em resposta à pergunta: “Você considera uma pessoa saudável? Por quê?”

Idéia central (1)	Discurso do sujeito coletivo (1)
Sou saudável porque tenho hábitos de vida considerados saudáveis.	Creio que sim, pois conto com tudo que é necessário para ser saudável: como bem, não fumo, não bebo, faço atividade física regular. Porque me cuido, não bebo, não fumo, como alguns tipos de raízes. Não fumo, só bebo de vez em quando. Eu ando bastante a pé, uso pouco o carro. Faço atividade física no meu lazer e procuro sempre relaxar.
Idéia central (2)	Discurso do sujeito coletivo (2)
Não sou saudável porque não tenho hábitos de vida saudável.	É muito stress, alimentação errada; como coisas como doces, gorduras, mesmo sabendo que está fazendo mal; poderia ser mais saudável. Não me alimento bem e só faço atividade física quando dá. Não, porque começo fazer atividade física e paro, relaxo. Não sou saudável; precisava de mais exercício. Sou muito sedentária, tenho preguiça de caminhar; prefiro ficar em casa comendo, escrevendo no computador. Não sou disciplinada para fazer atividade física; precisava de mais coragem e estímulo.
Idéia central (3)	Discurso do sujeito coletivo (3)
Sou saudável porque não tenho doença.	Porque só fiquei doente três vezes; sou exemplo para as crianças; meus amigos tem triglicéris explodindo. Porque nunca precisei ficar no hospital. Dificilmente fico doente. Estou sempre disposto, meu dia a dia é tranquilo, não tenho stress. Nunca fiquei doente.

Podem ser identificadas três idéias centrais na tabela apresentada acima: ser saudável por ter hábitos saudáveis, não ser saudável por não ter hábitos de vida saudável e ser saudável por não ter doença. Essas idéias denotam que o corpo natural e seu funcionamento adequado encerram as possibilidades de ser saudável, de viver bem. Minayo auxilia a entender essa idéia ao afirmar que “com a negação da natureza no homem, não apenas o *telos* da dominação externa da natureza, mas também o *telos* da própria vida se torna confuso e opaco” (Minayo, 1995, p. 60). A representação desse corpo parece ser um construto assumido pelos indivíduos como “dogma” que determina a concepção de saúde. Ao ser forjada de maneira ingênua, essa idéia atende aos apelos da indústria cultural, tanto no que se refere a uma maior produtividade do trabalhador quanto à sua necessidade de consumo.

As informações coletadas pelo discurso do sujeito coletivo vêm ao encontro do que a literatura evidencia, qual seja, o entendimento de atividade física e saúde na dimensão naturalizada do homem. Os dados nos levam a identificar a barreira cerácea presente no entendimento de saúde e atividade física, percebido numa prática desprovida de senso crítico. Como discute Minayo (1995), a cera nos ouvidos representa as barreiras de comunicação – a uniformização desta comunicação. A concepção de saúde que se propaga como informação tende a ser justificada na dimensão do não diálogo e da não diversidade.

Numa analogia ao mito de Ulisses, os praticantes de atividade física podem ser vistos como os próprios remadores, como aqueles que seguem, incondicionalmente, as verdades imputadas pelos setores mercadológicos, que utilizam a idéia de saúde como algo desejável, que seduz, pois ela pode oferecer ao homem não

só viver mais tempo, mas também com melhor qualidade. Passa a idéia de que isso está ao alcance de todos; basta, apenas, seguir “remando”. Isso é percebido quando o acesso à informação a respeito da atividade física e saúde dá-se via imprensa escrita, falada e outras, como observado nos depoimentos. Parecem atribuir a esses meios o poder de decisão sobre a maneira como devem lidar com sua saúde, como os remadores do mito de Ulisses que atribuem ao herói o seu próprio destino.

A associação de Ulisses ao protótipo do indivíduo burguês, feita por Adorno, Horkheimer (1985), aqui é desenvolvida em relação ao chamado para a atividade física e saúde, sendo Ulisses comparado à própria indústria cultural, que se mostra desbravadora no tocante à descoberta dos meios que ampliem o acesso aos produtos do mercado. O logro é utilizado para seduções diversas, como se todas as pessoas, indistintamente, pudessem ter acesso aos bens produzidos por essa indústria, garantindo seu fim instrumental.

A mídia se coloca como Ulisses em seus logros, em sua capacidade de persuadir os indivíduos para a atividade física, independente da consciência que têm desta prática, e do que ela poderia significar. Visto de outra forma (embora não encontrada no discurso dos participantes desse estudo), Ulisses pode ser caracterizado como o indivíduo que se entrega ao prazer restrito, ou melhor, que tem consciência de uma visão ampliada de saúde, mas que não pode vivê-la por completo devido às restrições impostas pela sociedade (trabalho, família, normas, conduta moral, e outros). “Ele se inclina à canção do prazer e frustra-a como frustra a morte. O ouvinte amarrado quer ir ter com as Sereias como qualquer outro. Só que ele arranhou um modo de, entregando-se, não ficar entregue a elas” (MINAYO, 1995, p. 64).

O canto das sereias revela-se como acesso ao hedonismo, como o encantamento furtado aos praticantes da atividade física, como aquilo que rompe com a mera conservação da vida. A construção de novas formas de viver que fuja à racionalidade instrumental, presente hegemonicamente na sociedade ocidental, constitui-se no canto que leva à morte, ou seja, naquilo que não se sustenta por si mesmo nas condições que nos são impostas. A razão

instrumental, como um dos pilares da sociedade capitalista, configura a amarra que cerceia o indivíduo da sua dimensão propriamente humana na relação que estabelece com a atividade física. O fato de se viver, adaptando-se à normatização imposta pela forma de organização do capital, faz com concebamos a saúde como elemento importante para o ajuste a essa sociedade. Nega-se ao dominado a possibilidade do deleite com o canto, fazendo com que a viagem (a sua vida) se dê sem encantamentos.

A rota em que se aventura Ulisses coloca-se como a própria vida, marcada pela idéia de destino ou pela realidade construída pelo homem. O destino se revela como a naturalização das coisas, e o logro como a capacidade de intervenção do homem no destino coletivo. As aventuras de Ulisses representam os obstáculos que se mostram cotidianamente, os quais tendem a ser superados de forma consciente ou pensados como algo inerente à vida, assumidos em seus traços conformistas. Partir nessa viagem significa poder assumir diferentes posições no navio, seja como remadores, Ulisses ou sereias – a alienação, a entrega restrita às várias dimensões do humano, a entrega total – entendendo essas posições em sua capacidade de deslocamento. Isso indica que os papéis assumidos em relação à atividade física podem ser modificados no tocante a outras funções exercidas socialmente, seja na profissão, na família, no estudo, na religião, entre outras. Ser o remador, em se tratando de atividade física, por exemplo, não invalida ser Ulisses no trabalho. Assim, a viagem se complexifica e se torna muito mais instigante do que a primeira vista possa parecer.

DO MITO À ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O enfoque da saúde e atividade física pelo viés das ciências humanas deu-se na tentativa de contribuir com apontamentos que extrapolem a barreira cerácea rumo a uma compreensão ampliada do humano, que o reconheça em suas condições de lazer, moradia, educação, acesso à cultura e à produção de bens culturais. A reflexão sobre o entendimento de atividade física e saúde a partir do discurso do sujeito

coletivo, bem como a análise das categorias originárias à luz do mito de Ulisses e as sereias, constituiu objetivo desse estudo. Tal intento deu-se pelo encadeamento da Odisséia, de Homero(s.d) com referenciais que propõem a discussão da metodologia do DSC (LEFEVRE, LEFEVRE, 2004, 2005) e da saúde (MELO-FILHO, 1995; MINAYO, 1995; CARVALHO, 2001; MATIELLO JÚNIOR, 2002), acrescido da reinterpretação do referido mito sob olhar contemporâneo, feita por Adorno e Horkheimer (1985).

O problema da saúde e atividade física é abordado, notadamente, pela alienação das pessoas frente a essa temática, desconsiderando-se as condições sociais geradoras de um modo de vida diferenciado, em que sejam ofertados caminhos para que o trabalhador tenha o seu tempo livre, no sentido de tempo liberado das obrigações cotidianas. Dessa forma, nega-se ao homem a possibilidade de se ver como agente social.

Na história de classes, nega-se a natureza no homem devido à dominação sobre a natureza extra-humana e sobre outros homens, sendo esta negação o núcleo de toda racionalidade civilizatória e propagação da irracionalidade mítica. Assim, o humano, não apenas natural, mas sobretudo, cultural, portador de sentidos/significados construídos historicamente e diverso em sua capacidade de concretizar as suas relações sociais, tende a ser percebido por uma ótica instrumental e negado em sua individualidade/coletividade. Há desconexões entre a produção material e a consciência social, reforçadas pela ótica individualista de mercado que aliena o homem e o distancia da coletividade. O entendimento de vida saudável como bem comum pode ser visto como possibilidade de construção de sujeitos coletivos.

Romper com uma visão dicotomizada do homem, que o prioriza em sua dimensão natural, coloca-se como um dos grandes desafios da saúde. É preciso superar um entendimento localizado apenas no bem-estar e na ausência de doença, assim como a visão de uma atividade física restrita ao funcionamento orgânico e sensação de bem estar (como identificado neste estudo), rumo à percepção desta área para além de sua meta existencial, ou seja, para além

daquilo que garanta apenas as condições básicas de sobrevivência. Torna-se urgente pensar a saúde a partir do que garanta ao homem o “viver”, ou seja, o que o torna diferente dos outros animais e que o leva a se humanizar, sendo capaz de ressignificar o processo normativo e não apenas reproduzi-lo.

É nesse sentido que, se a promoção da saúde veio para se configurar como novo paradigma, esclarecem Lefevre e Lefevre (2004), deve extirpar a perspectiva tradicional da doença como fatalidade e a idéia de que a saúde é sempre conduzida para responder a essa fatalidade. Embora pareça ser uma tarefa homérica, é a partir dessa perspectiva que se configuram as teias a serem consideradas no tocante à promoção da saúde e, em particular, em relação à atividade física. A possibilidade de se exercitar, rompendo com o sedentarismo para o alcance de saúde, deve ser pensada em uma perspectiva dialética, vendo no modo de vida, principalmente no urbano, e nos desarranjos estruturais das cidades, os determinantes históricos como variáveis do processo do “adoecer”.

As interlocuções possibilitadas pelo sedutor mito de Ulisses e as sereias, e pelos discursos do sujeito coletivo sobre saúde e atividade física, conduzem-nos a encadeamentos, por vezes, audaciosos. Entendemos ser a rota necessária e arriscada. Talvez sejamos vistos como o astuto Ulisses, ou, quem sabe, comparados aos remadores e suas barreiras ceráceas. Mesmo assim, almejamos fazê-la, seja ouvindo o canto das sereias e padecendo, seja logrando-as para uma entrega incompleta às várias dimensões do humano, ou ainda, quem sabe, criando novos desfechos.

A metodologia do DSC, utilizada nessas investigações, veio contribuir para o entendimento de atividade física por sujeitos praticantes de caminhada em um parque central na cidade de Maringá-PR. O referido parque, sendo tradicional na cidade, é aberto a todos os segmentos da população. Entretanto, pelos sujeitos que, aleatoriamente, foram convidados para integrar a pesquisa, observou-se que seu fluxo para a prática de atividade física dá-se, em especial, por pessoas de classe A e B. Daí que outros estudos, realizados em espaços diferenciados do que a presente pesquisa se

propõem, poderiam atingir classes sociais distintas e, quiçá, novos dados em relação aos aqui apresentados, os quais poderiam ampliar e intensificar as reflexões que por ora fazemos. Assim, novos estudos que busquem a reflexão da atividade física e saúde pela ótica das

ciências humanas poderiam intensificar um debate acadêmico que, tradicionalmente, dá-se pelo olhar médico/biológico de corpo e de homem, contribuindo para a percepção de outros cenários até então não visualizados.

ANALOGIES OF PHYSICAL ACTIVITY AND HEALTH WITH THE ULISSSES AND THE MERMAID MYTH

ABSTRACT

This text has as objective to reflect the understanding of the physical activity and health, through the collective subject speech, identifying and analyzing the categories of Ulisses and the mermaid myth, present in the classical Odyssey. The comprehension of physical activity and health, as well as the Ulisses and the mermaid myth, was performed through a field research focused in the methodology of the Collectives Subject Speech (DSC), of Lefevre, Lefevre (2005), and through theoretical incursions by references from the human sciences, in special, Adorno, Horkheimer (1985), whom have analyzed the myth. The data from interviews that were made with people who practiced walk in the park in the center of Maringá city points the predominance of a instrumental rationality that forbid the man to know the calling to other human dimensions.

Key words: Health. Physical Activity. Physical Education.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EMPRESAS DE PESQUISA. Disponível em: <<http://www.anep.org.br>>. Acesso em: 10 set. 2006.
- BOUCHARD, C.; DESPRÉS, J. Variation in fat distribution with age and health implication. In: AMERICAN ACADEMY OF PHYSICAL EDUCATION. **Physical activity and aging**. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers, 1989. p. 78-105.
- CARVALHO, Y. de. **O mito da atividade física e saúde**. São Paulo: Hucitec, 2001.
- COOPER, K. H. **Aptidão física em qualquer idade (exercícios aeróbicos)**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército: Fórum Editora, 1978.
- DUARTE, L. F. Dos sonhos do ocidente: considerações críticas a propósito do texto. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 24-26, jan./mar. 1995.
- FENSTERSEIFER, P. E. Esclarecimento. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2005. p. 165-166.
- GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. Physical activity, cardiorespiratory fitness, dietary content and risk factors that cause a predisposition toward cardiovascular disease. **Arquivo Brasileiro de Cardiologia**, São Paulo, v. 77, n. 3, p. 251-257, 2001.
- HELLER, A. **Teoria de las necesidades en Marx**. Barcelona: Península, 1986.
- HOMERO. **A Odisséia**. São Paulo: Ediouro, [s.d.]. (Coleção Universidade).
- LEFEVRE, F., LEFEVRE, A. M. C. **Promoção da saúde, ou, a negação da negação**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.
- LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). 2. ed. Caxias do Sul: Ed. da EDUCS, 2005.
- MACHADO, M. H. Discutindo a subjetividade da saúde pública. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 25-26, jan./mar. 1995.
- MATIELLO JÚNIOR, E. **Educação física, saúde coletiva e a luta do MST**: reconstruindo relações a partir das violências. 2002. Tese (Doutorado em Educação Física)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.
- MELO-FILHO, D. Repensando os desafios de Ulisses e Fausto: a saúde, o indivíduo e a história. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p.5-20, jan./mar. 1995.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1999.
- MINAYO, M. C. de S. Repensando os desafios de Ulisses e Fausto. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 22-23, jan./mar. 1995.
- SCHRAMM, F. R. A dialética Ulisses-Fausto e o desafio da necessidade radical. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-30, jan./mar. 1995.

Recebido em 15/02/08

Revisado em 09/06/08

Aceito em 29/08/08

Endereço para correspondência: Wilson Rinaldi, Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Educação Física. Av. Colombo, 5790. CEP 87020-900. Maringá-PR, Brasil. E-mail: wilsonrinaldi@hotmail.com